

ACONTECÊNCIA (*GESCHICHTLICHKEIT*) EM WINNICOTT*

Ana Letícia Martins de Souza**

RESUMO:

Trata-se de comunicação, em sede de trabalho de conclusão de curso, em que se visa identificar, no pensamento de Winnicott sobre o desenvolvimento emocional, o que pode ser chamado por acontecência, sentido do termo historicidade (*Geschichtlichkeit*) que remete a acontecer. No caso, o acontecer do amadurecimento, a partir da proposta de leitura feita pelo filósofo Zeljko Loparic desde a filosofia de Martin Heidegger, sua analítica existencial do *Dasein* e a temporalidade como fundamento do ser. Uma nova compreensão do amadurecimento iluminaria o desenvolvimento de uma ciência winnicottiana da natureza humana segundo o acontecer deste ser que acontece, e não apenas existe. Identificou-se o amadurecimento no acontecer de uma existência psicossomática, enquanto sentido de ser mediante continuidade de ser, desde sempre possibilidade aberta no ser, finito, do ser humano e na natureza humana que se dá, finitamente, dando lugar à compreensão da acontecência como um florescer do amadurecimento no “entre nascimento e morte”, em uma temporalização da temporalidade que se apresenta como evento de ser humano, amostra-no-tempo da natureza humana.

PALAVRAS-CHAVE: Acontecência; natureza humana; amadurecimento; temporalidade; evento.

ABSTRACT:

This final assignment's communication aims to identify, in Winnicott's researches on emotional development, what can be called by event, the meaning of the term historicity (*Geschichtlichkeit*) that refers to happening. In this case, the happening of emotional development, from the proposal of reading made by the philosopher Zeljko Loparic from the philosophy of Martin Heidegger, his existential analytic of *Dasein* and temporality as the ground of Being. A new understanding of maturation would illuminate the development, in a winnicott's way, of science of human nature according to the happening of this being that happens, and not just exists. It was identified the maturity in the event of a psycho-somatic existence, as a sense of being through continuity of being, since always open possibility in the being, finite, of the human being and in the human nature that occurs, finitely, giving way to the understanding of the historicity as a flowering of maturity in the “between birth and death”, in a temporalization of temporality, as an event of being an human, a sample-in-time of human nature.

KEYWORDS: Historicity; human nature; emotional development; temporality; event.

* Comunicação recebida em 22/12/2022 e aprovado para publicação em 26/12/2022.

** Graduada em Filosofia pela PUC Minas. E-mail: mrtanadesouza@hotmail.com.

A ACONTECÊNCIA E A NATUREZA HUMANA

Identificar, no pensamento de Donald Woods Winnicott sobre o desenvolvimento emocional, o que pode ser chamado por *acontecência*. Esta palavra, encontrada com alguma frequência dando nome a obras da literatura brasileira, não está registrada no Vocabulário da Língua Portuguesa - Volp, nem tampouco será encontrada nos textos do médico psicanalista inglês. Apesar disso, é este modo de ser, ou melhor dito, é este modo de acontecer do ser humano que pretendemos compreender. Seguimos, para isso, a trilha aberta pelo filósofo Zeljko Loparic (2000) ao buscar no *Dasein*, de Martin Heidegger, e na temporalidade como fundamento do ser as chaves para compreensão do conceito de amadurecimento conforme este sentido próprio do termo *historicidade*, *Geschichtlichkeit*, encontrado na filosofia do ser, desenvolvida por Heidegger.

A leitura proposta por Loparic (2000) mostra-se harmônica ao almejado por Winnicott (2015, p. 1): investigar a natureza humana a partir da pessoa singular do ser humano (*animal humano individual*) em sua existência concreta, em curso no mundo em meio às coisas e às pessoas, uma vez que “um ser humano é uma *amostra-no-tempo* da natureza humana” (WINNICOTT, 2015, p. 11, tradução nossa).

À pergunta originária da própria Filosofia, “O que é?”, sobre a natureza humana Winnicott ousou responder afirmando tratar-se de “quase tudo o que temos” (2015, p. 1, tradução nossa). Intrigante, portanto, pensar o que estaria inserido neste *quase*? O que se mantém fora dele? Por que haveria algo que ele não “tem”? As perguntas pululam tanto quanto as que se originam da definição dada do ser humano como uma *amostra-no-tempo* desta natureza. Se encontramos dicionarizados (AMOSTRA, 1986, p. 109), como sentidos possíveis de *amostra*, um espécime notável de uma totalidade, no caso, a *natureza humana*; ou ainda, sinal ou indício do que possa ser *natureza humana*; também encontramos, dicionarizado, o sentido de exteriorização, demonstração ou manifestação, aludindo-se ao verbo *mostrar*. Por outro lado, a partícula “a” de *a-mostra* bem pode remeter ao sentido de “não”, portanto apontando para o que *não* é mostrado no tempo. Mas, se o ser humano é uma *amostra-no-tempo* da natureza humana, o que, afinal, não seria mostrado?

Aparentemente, a *acontecência* poderia ser um conceito para tantas perguntas. Um acontecer do amadurecimento como modo de ser, singular, pessoal, variável, em que se mostra e se “a-mostra” no mundo segundo sentido, compreensão de si conquistada a partir de uma

existência psicossomática e em certo estado relativo ao ambiente que o cerca e do qual depende desde o início, em um nascimento de quem se é, do *self*, uma *unidade identitária* em questão até a morte.

Com Loparic (2000), auxiliado pela analítica existencial de Heidegger (2012), dando-se um passo além ao acontecer do amadurecimento na linearidade da existência, seria possível encontrar a *natureza humana* e a *temporalização* ladeadas no horizonte ontológico da temporalidade, em que a *natureza humana é temporalização* em seu *temporalizar-se* e *acontece* em determinação da *natureza humana* na constituição dessa *amostra-no-tempo* que é o *animal humano*, de Winnicott, o ente ao modo do *Dasein*, de Martin Heidegger. O sentido de *acontecência* pode ser compreendido aqui, a iluminar o desenvolvimento de uma “ciência winnicottiana da natureza humana” (LOPARIC, 2000), segundo uma perspectiva do amadurecimento humano enquanto evento de uma história pessoal (SANTOS, 2010).

UNIDADE IDENTITÁRIA E O CONCEITO DE AMADURECIMENTO NO ACONTECER DE UMA EXISTÊNCIA PSICOSSOMÁTICA

O desenvolvimento humano é visto como determinação da natureza humana, segundo *tendência inata à integração*, na conquista (*achievement*) de uma *unidade identitária* ou *self*, tratando-se, aquela, de mera tendência e jamais determinação mecanicista causalmente necessária. Com origem filogenética, a tendência inata à integração se efetiva singularmente¹, em razão da atividade da elaboração imaginativa ser própria de cada indivíduo, pessoal (WINNICOTT, 2015, p. 27) e por se dar conforme a experiência relativa ao favorecimento ambiental, ou seja, de acordo com a experiência dos cuidados assegurados pelo ambiente. Os elementos da elaboração imaginativa e do favorecimento ambiental conferem, portanto, caráter singular, pessoal e variável à constituição do *self* e ao amadurecimento.

Loparic (2000) fala de uma *existência psicossomática*, entendendo-a, segundo aparece na vida concreta do indivíduo, a partir do desenvolvimento da corporalidade sob elaboração imaginativa, portanto desenvolvimento soma-psique² em interação que importa um *ter de ser*

¹ A essa realização singular, no indivíduo, a biologia identifica por *ontogênese*. Winnicott a chamará amadurecimento, que acontece segundo crescimento ditado hereditariamente e, ainda, de forma pessoal e variável, conforme o favorecimento ambiental, ultrapassando o determinismo causal naturalista (LOPARIC, 2000, p. 355).

² *Soma* diz respeito ao “corpo vivo”, ao corpo já em elaboração imaginativa. *Psique* (e não “aparelho psíquico”, terminologia freudiana) confunde-se, de certa maneira, com a função da elaboração imaginativa, uma vez que é considerada como um *modo de operar*. Loparic (2000, p. 361-362) registra certa confusão conceitual entre psique

com origem na *tendência inata à integração* e que estabelece uma *continuidade de ser* que possibilita *existir*, isto é, *ser* (LOPARIC, 2000, p. 365). O *ter de ser* da *existência psicossomática* é realização da *tendência inata à integração*, cujo acontecer consiste no *amadurecimento* (LOPARIC, 2000, p. 358-359), modo de temporalização da natureza humana (DIAS, 2000, p. 93).

A integração diz respeito à conquista do *self* nos primeiros anos de vida e supõe o cuidado materno. O favorecimento ambiental se dá primeiramente de forma física, inclusive já significativo ainda na vida intrauterina, mas também prático e afetivo, enquanto atendimento às necessidades do bebê em seu caminho de se estabelecer plenamente, embora sempre em condição de dependência, como ser no mundo, um ser fundamentalmente que *é sendo sentido de ser*.

O conceito de amadurecimento pode ser compreendido no acontecer da existência psicossomática, ou seja, mediante a noção de movimento contida no desenvolvimento emocional³ (*emotional developoment*) do ser humano, segundo apontado por Winnicott, e distinto de sentimentos (*feelings*) dele decorrentes e a ele inerentes (PONDÉ, 2018, p. 19). Além da noção de movimento da existência psicossomática como acontecer do amadurecimento, Loparic (2000) ressalta o caráter compreensivo da psique ou elaboração imaginativa, evidenciado desde logo na imperatividade, ao indivíduo, de elaborar a totalidade do desenvolvimento corporal, permanentemente opaco, o que se dá paulatinamente por meio de uma inata criatividade originária do ser humano, em desdobramento e na medida do próprio desenvolvimento, em *continuidade de ser* ensejadora de dação de sentido, primitivamente pré-representacional, pré-simbólico e pré-linguístico, mediante favorecimento ambiental.

O conceito de ambiente, em Winnicott, é complexo e indispensável para a compreensão do amadurecimento em uma existência psicossomática, uma vez que o indivíduo não sobreviverá, nem alcançará a integração em um *self* pessoal sem ele. Santos (2010, p. 110-116)

e elaboração imaginativa no pensamento de Winnicott, ora tomando uma como originada funcionalmente da outra, ora identificando-as entre si. A ênfase na interação, em atividade, psique-soma, segundo mostra o indivíduo em seu existir concreto no mundo, distingue-se de perspectivas mentalistas em que “percepção”, “desejo”, “intuição” são tomados mediante fusão da atividade com o seu produto (LOPARIC, 2000, p. 362).

³Evidenciando o sentido diverso do termo *emoção*, relativamente ao termo *sentimento*, e apontando para um acontecer, tem-se sua origem latina nos termos *affectus* ou *passio* e no grego *pathós* (πάθος), entendidos como estado, movimento ou condição provocadora, no animal ou no homem, de certa percepção de valor (EMOÇÃO, 2007, p. 311-325), em harmonia com a perspectiva do desenvolvimento emocional apresentado por Winnicott. A partir do século XV, o termo passou a ser utilizado, como figura de linguagem, como derivação de *movimento*, *mover* (*motion*, em francês e em inglês), apontando para um “movimento do espírito” (MOVER, 1954, p. 461). E, morfologicamente, tem-se *e+moção*, em que *e* deriva da partícula grega *ex*, referida a um movimento para fora ou a uma mudança em relação a um estado anterior (LIMA, 2003, p. 203-207).

apresentará um conceito winnicottiano de *ambiente*, cujos elementos são o estado de dependência do indivíduo em desenvolvimento e a condição de um ambiente satisfatório, caracterizado como *suficientemente bom*⁴. Não apenas a corporalidade do bebê, na existência psicossomática, se apresenta como parte da atividade compreensiva em desenvolvimento, mas o ambiente, portanto o corpo da gestante, o colo da mãe, as pessoas envolvidas em seu cuidado e, então, demais entes com os quais o indivíduo passará a estabelecer relações tornam-se também significativos e parte do amadurecimento.

Para Winnicott, o animal humano individual não nasce pronto e tampouco o nascimento se limita ao acontecimento biológico. Diz-se, portanto, de um nascimento ontológico por ser, o ser humano, desde logo, *Dasein*: fundamentalmente abertura e compreensão (DIAS, 2006). Contudo, ainda que apresente estrutura ontológica do *Dasein*, onticamente, no início da vida, o bebê precisa nascer ontologicamente, ou seja, chegar ao mundo e poder estabelecer relações de uso com os entes, a fim de determinar-se a si mesmo segundo suas possibilidades e diante da finitude de sua existência. Nos estágios iniciais do desenvolvimento humano, em Winnicott, é a continuidade de ser que possibilita um sentido de ser e isto, não obstante, somente se dá, porque já está desde logo na abertura fundamental do ser deste ente que é *Dasein*.

A experiência da existência psicossomática pode dar-se conforme as necessidades do indivíduo e a partir delas (caráter de espontaneidade), em um ambiente bom que as satisfaça segundo o ritmo do próprio bebê, o que constitui progressivamente um ambiente confiável e previsível (*ambiente suficientemente bom*), ou pode se dar independentemente das necessidades do bebê, ocasião em que serão experienciadas como intrusões, interrupções da continuidade de ser, possivelmente traumáticas (*angústias impensáveis*) (SANTOS, 2010, p. 126).

O modo como se dá esse desenvolvimento constitutivo de uma existência psicossomática, segundo experienciado pelo indivíduo, é o amadurecimento em realização da tendência inata à integração. Amadurecer significa conquista de *sentido de ser*, possibilitado

⁴A noção do *ambiente suficientemente bom*, constituído pela previsibilidade e confiabilidade do ambiente de cuidado do bebê, decorre diretamente dos conceitos winnicottianos de *mãe suficientemente boa e mãe devotada comum*. Segundo Santos (2010, p. 95, nota 183), “*mãe suficientemente boa* quer dizer boa na medida certa, sem exageros para mais ou para menos no seu cuidado com o bebê, isto é, adaptação às necessidades físicas do bebê proporcionando, num primeiro estágio, um sentimento de segurança e confiabilidade no ambiente.”. Optamos pelo uso do termo ambiente, e não mãe, de modo a reforçar o cuidado concreto facilitador do amadurecimento do bebê, enfatizando a importância dada por Winnicott quanto à sua estabilidade, continuidade e pessoalidade na medida das necessidades do bebê *pari passu* com seu desenvolvimento. Em que pese o autor identificar na mãe biológica a pessoa naturalmente mais adequada a esse papel, ainda que não a única, em razão da experiência efetiva da gestação e maternagem e ao conseqüente estado de *preocupação materna primária*, o autor não nega a possibilidade de que outra pessoa desenvolva a capacidade de figurar como “*mãe suficientemente boa*” para aquele indivíduo em desenvolvimento.

pela *continuidade de ser*, mediante favorecimento ambiental (SANTOS, 2010, p. 205-208). *Sentido de ser*, por sua vez, “diz respeito ao estar-vivo emocional e fisicamente por meio da criatividade originária de cada bebê” (SANTOS, 2010, p. 135-136). Pode-se falar, então, que o dar-se da *existência psicossomática* corresponde ao *acontecer* do amadurecimento.

ACONTECÊNCIA: O FLORESCER DO AMADURECIMENTO NO SOLO DA TEMPORALIDADE DO HOMEM

O filósofo Zeljko Loparic (2000, p. 358), propõe uma leitura do pensamento de Winnicott interpretando o amadurecimento em termos da acontecencialidade de Heidegger, em que natureza humana se apresenta como sinônimo de “acontecência”, de “temporalização”. A pergunta que se faz, nesta senda, portanto, é, visto o desenvolvimento emocional como um acontecer de uma existência psicossomática, em que termos podemos avançar na direção da acontecência no pensamento de Winnicott?

Terminologicamente, o termo alemão *Geschichtlichkeit* é traduzido para o português por *historicidade*, remetendo, portanto, ao termo *história* e ocultando o sentido de acontecer (*Geschehen*) também, nele, contido (SANTOS, 2010, p. 142). O termo historicidade, por sua vez, corresponderia, segundo Abbagnano (2007, p. 508), ao modo de ser daquilo que é histórico.

Para Heidegger (2012a, p. 1021), “a análise da historicidade do *Dasein* procura mostrar que esse ente não é “temporal” por “estar na história”, mas, ao contrário, só existe e pode existir historicamente porque é temporal no fundo do seu ser.” Assim *sendo*, determina a si mesmo, o próprio *ser* segundo suas possibilidades e nos limites de sua finitude, com a própria finitude em vista de suas possibilidades o que enseja todo modo de determinação do ser, inclusive teoricamente, fazendo ciência. Trata-se do modo poder-ser-um-todo-próprio, Cuidado (*Sorge*), a própria abertura em que se determina seu poder ser em uma experiência finita de existir, seu acontecer (*Geschehn*) no “*entre* nascimento e morte”⁵. Este sentido de acontecer, o nascimento

⁵“O referido “entre” nascimento e morte já reside *no ser* do *Dasein*. De modo algum o *Dasein* “é” efetivamente real em um ponto do tempo e estando, além disso, “cercado” pelo não-real de seu nascimento e de sua morte. Existencialmente entendido, o nascimento nunca é algo passado, no sentido do já não-subsistente, assim como a morte não possui o modo-de-ser de algo que ainda não é subsistente, mas que o será. O *Dasein* factual existe de nascença e morre também de nascença, no sentido de ser para a morte. Ambos os “finais” e seu “entre” são, enquanto o *Dasein* existe factualmente, e *são* do único modo como isso é possível: sobre o fundamento do ser do *Dasein* como *preocupação*. Na unidade de dejecção e de ser-para-a-morte fugitivo e precursor, nascimento e morte se põem em conexão “conforme ao *Dasein*”. Como preocupação, o *Dasein* é o “entre”.” (HEIDEGGER, 2012a, p. 1015; itálico do texto).

e a morte, e o “entre” mostram-se também como elementos centrais no conceito de amadurecimento, em Winnicott.

É neste ser (*sendo*) singular do ente ser humano, que não apenas existe como os demais entes (subsistentes), mas acontece em razão de seu modo de temporalização, que Loparic (2000, p. 357) aponta a acontecência também no pensamento de Winnicott a iluminar o conceito de amadurecimento e o desenvolvimento de uma teoria, acontecencial, sobre a natureza humana. Uma teoria que considere o ser humano, não como um ente subsistente da natureza, mas um “acontecete” (SANTOS, 2010, p. 185).

A acontecência, assim, seria encontrada, em Winnicott, primeiramente a partir da distinção entre o amadurecimento, humano, e a maturação entendida como o “processo” natural do desenvolvimento biológico dos organismos vivos, mediante a passagem linear do tempo e provisão dos nutrientes. Para Winnicott (2015, p. 11-12), a maturação tem como marca final de sucesso a morte na velhice e expressa saúde somática. O termo amadurecimento, diferentemente, embora envolva também o crescimento biológico, evidenciaria o sentido pessoal, experiencial e próprio do desenvolvimento psicossomático humano constitutivo da existência psicossomática.

Observa-se, ainda, que também em Winnicott a acontecência pode ser vista no “entre nascimento e morte”, na medida em que, para este autor, nascimento e morte não são entendidos apenas como limites nas extremidades do desenvolvimento biológico; ao contrário, encontram-se sempre em questão enquanto negatividade e precariedade constitutivas de sua existência.

A negatividade diz respeito à permanente tensão entre ser e não-ser, que marcam o estar-vivo desde o *primeiro despertar*⁶ e somente se integram definitivamente com a morte (DIAS, 2003, p. 147). O primeiro despertar dá lugar ao estado de ser primitivo, originário de uma continuidade de ser que possibilita a conquista de sentido de ser pelo indivíduo em desenvolvimento (SANTOS, 2010, p. 87-90). A precariedade, por sua vez, guarda relação com a continuidade de ser e possíveis interrupções e falhas ambientais no atendimento às necessidades existenciais do ser em desenvolvimento.

Amadurecimento, portanto, é pessoal e diz respeito a sentido de ser na realização da tendência inata à integração, à conquista e manutenção da unidade identitária ao longo de uma existência psicossomática, tratando-se do “quem se é”: uma constante impermanência em razão

⁶O *primeiro despertar* se refere à emersão do ser desde o não ser, observado, primeiramente como um *estado de ser primitivo*, postulado por Winnicott (2015, p. 126-127), em que já se pode falar de um *estar vivo* e que se faz presente ainda na vida intrauterina, bem como após o nascimento, caracterizado pela *solidão essencial*.

da precariedade da integração e da permanente tensão entre ser e não-ser, fundando-se, assim, o acontecer (*Geschehen*) do amadurecimento a partir da acontecência (SANTOS, 2010, p. 100). Assim, a continuidade de ser se constitui como um índice da constância revelador do sentido de ser pessoal, ou seja, do amadurecimento. Pode-se falar, então, de uma psicologia humana se dando na conquista, e manutenção, da *unidade identitária* e de uma *amostra*, ou de um *mostrar* da natureza humana.

Logo, tem-se presentes os elementos do amadurecimento no que tange a uma *acontecência* no pensamento de Winnicott: poder-ser da natureza humana; continuidade de ser, a partir do crescimento e do favorecimento ambiental em um dar-se da existência psicossomática; sentido de ser possibilitado pela continuidade de ser, na impermanência da constância na interação psicossomática; e, finalmente, a precariedade e negatividade constitutivos da existência, sempre em questão no “entre” da existência psicossomática.

Ampliando-se o cenário, tem-se a natureza humana como poder-ser do animal humano em desenvolvimento, e que se determina na realização da tendência inata à integração (mera tendência, e não determinação) que, enquanto crescimento, a partir da corporalidade submetida à elaboração imaginativa, impõe um ter-de-ser constitutivo da existência psicossomática.

A natureza humana, aqui, não se apresenta como um fundamento fora do homem, ou além dele, um *fundamentum inconcusum* identificado conceitualmente pela razão humana a conferir definição substancial ou uma essência ao homem (SANTOS, 2010, p. 193). A natureza humana é modo de temporalização (LOPARIC, 2000), porque ela se dá, ela é o dar-se do ser do *Dasein*, segundo Heidegger, do animal humano, segundo Winnicott; ela se dá como *ser* humano, temporal e histórico. A natureza humana, portanto, é a própria temporalização da temporalidade deste ente singular, que acontece. A temporalização abre um horizonte no qual se dá, acontece (*Geschehen*) a existência humana iluminando o sentido acontecencial do amadurecimento.

No marco da analítica existencial desenvolvida por Heidegger, o *ser* do *Dasein* considerado temporalmente se dá enquanto um lançar-se no presente para o futuro, e em vista do passado, residindo aqui seu acontecer (*Geschehen*) constitutivo de sua *ek-sistência*⁷, cujo horizonte ontológico fundamental articulador com a *Existenz* é o *tempo*.

⁷O sentido de *ek-sistência* decorrente da temporalidade é um *estar-fora-de-si* em uma temporalidade *ek-sática*, ou seja, o temporalizar da temporalidade (*Zeitlichkeit*) conexas à existência; um “acontecer ex-cêntrico”, em nível ôntico, que faz surgir o sentido do Ser em projeção no dar-se do ser do homem (OLIVEIRA, 2004, p. 125-128). Segundo Heidegger (2012b, p. 388), “nós interpretamos com o caráter *ekstático* a existência que, vista ontologicamente, é a unidade originária do estar-fora-de-si que chega-a-si, que retorna-a-si e que se presentifica. A temporalidade determinada ekstáticamente é a condição da constituição ontológica do ser-aí.”

Como visto, nascimento e morte se manterão sempre em questão no amadurecimento, em termos de um “sido” no entre da existência, segundo negatividade e precariedade com matriz na interação psique-soma mediante favorecimento ambiental. Em termo temporais, a conquista de um *self* pessoal acontece em direção ao futuro, como realização da tendência inata à integração até o momento da morte, mediante a continuidade de ser. Por outro lado, a temporalidade, quanto ao amadurecimento, exige, no presente, a manutenção do conquistado, já que precário, exigindo remissões temporais ao passado, ao modo como se deu a integração, à condição de dependência e sua continuidade de ser favorecida por um ambiente suficientemente bom (SANTOS, 2010, p. 248-254). O desenvolvimento humano é temporalmente circular, e não linear e suas remissões temporais se dão no “entre” do existir humano (SANTOS, 2010, p. 251).

O amadurecimento acontece porque o ser humano é, desde logo, abertura e compreensão, embora, no início do desenvolvimento humano, se trate de um “a caminho de” um nascimento ontológico (DIAS, 2006)⁸. Natureza humana, neste contexto, se temporaliza dando-se *ser*; se dá, enquanto poder-ser em realização da tendência inata à integração, mas nunca inteiramente colhida, sempre se dando na finitude da existência psicossomática, caracterizando o amadurecimento como evento a constituir uma história pessoal (SANTOS, 2010, p. 185-187).

Portanto, a pergunta “o que é?”, em Winnicott, deve ser respondida em termos acontecenciais, como tentativa de compreensão do *ser sendo*, em vista da abertura ao poder ser da natureza humana que se dá e que jamais se apresenta e se compreende integralmente, dada a finitude decorrente de seu *ser* temporal e histórico: o ser humano é o que se dá enquanto dar-se da natureza humana da qual ele é uma amostra-no-tempo, não por ser no tempo, mas por ser o próprio tempo em seu amadurecer e, assim sendo, sendo *sentido de ser*.

Assim, a acontecência, em Winnicott, como evento, no “entre” da existência psicossomática, conserva também o não revelado da natureza humana e o amadurecimento acontece enquanto sentido de ser experienciado pelo *animal humano* sempre em marcha, amostra-no-tempo da natureza humana no florescer de seu amadurecimento.

⁸Segundo Dias (2006), nascimento ontológico quer dizer *ser*, em sentido winnicottiano, alcançar a *unidade identitária* para ser no mundo plenamente, desenevoado, junto às coisas e com outros

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, Nicola. Dicionário de filosofia. 5. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

COROMINAS, J. **Diccionario crítico etimológico de la lengua castellana**. Madrid: Editorial Gredos, v.III, 1954.

DIAS, Elsa Oliveira. **A teoria do amadurecimento de D. W. Winnicott**. Rio de Janeiro: Imago, 2003.

DIAS, Elsa Oliveira. **Winnicott e Heidegger: temporalidade e esquizofrenia**. São Paulo: Winnicott e-prints, v.1, n.1, p.30-50, 2006. Disponível em http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-432X2006000100003&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 23 outubro 2022.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2. ed., 27. impressão, 1986.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Tradução de Fausto Castilho. Campinas, SP: Editora da Unicamp; 2012a.

INWOOD, Michael. **Dicionário Heidegger**. Tradução de Luísa Buarque de Holanda; revisão técnica Márcia Sá Cavalcante Schoback. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2002.

LIMA, Rocha. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 43. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003. p.200-207.

LOPARIC, Zeljko. O “animal humano”. **Natureza Humana** (on-line) São Paulo, v. 2, n. 2, p. 351-397, dez. 2000. Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302000000200005&lng=pt&nrm=iso>. Acessos em 25 out. 2020.

OLIVEIRA, Ibraim Vitor de. **Arché e telos**. Niilismo filosófico e crise da linguagem em Fr. Nietzsche e M. Heidegger. Roma: Editrice Pontificia Università Gregoriana, 2004.

PONDÉ, Danit Zeava Falbel. Os sentimentos na obra de D.W.Winnicott. Campinas, SP : [s.n.], 2018. Disponível em <https://winnicottizando.com/2021/10/08/os-sentimentos-na-obra-de-d-w-winnicott/>. Acesso em 07 nov. 2022.

SANTOS, Eder Soares. **Winnicott e Heidegger: aproximações e distanciamentos**. São Paulo: DWW Editorial FAPESP, 2010.

WINNICOTT, Donald Woods. **Human nature**. Nova Iorque: Routledge, 2015.